CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA PARENTAL E DE EFICÁCIA COLETIVA DA FAMÍLIA DE PAIS DE ADOLESCENTES: MUDANÇA OU ESTABILIDADE?

Marisa Costa & Luísa Faria[21]

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto

Resumo

Este estudo teve como objetivo explorar o desenvolvimento intra e interindividual das crenças de autoeficácia parental (AEP) e da eficácia coletiva da família (ECF) de pais de adolescentes que frequentam o ensino secundário. Uma amostra de 139 pais expressaram as suas crenças na *Escala de Autoeficácia Parental* e na *Escala de Eficácia Coletiva da Família*, em dois momentos de avaliação, separados por um ano de intervalo. Os resultados revelaram que a nível intraindividual, as crenças de AEP se mantiveram estáveis, enquanto as de EFC assinalaram um ligeiro decréscimo. A nível interindividual, apenas se registou uma ligeira diferença entre mães e pais, tendo as mães manifestado maior sentido de AEP e de ECF do que os pais, em ambos os momentos.

Palavras-chave: autoeficácia parental, eficácia coletiva da família, desenvolvimento intraindividual, desenvolvimento interindividual

[21] Este estudo foi financiado por uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/72600/2010) da Fundação para a Ciência e Tecnologia, concedida a Marisa Costa. A correspond~encia relativa a este artigo deve ser enviada para a Luísa Faria, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen, Código Postal:4200-135, Porto, Portugal. Email: lfaria@fpce.up.p

Introdução

No quadro dos constructos psicológicos mais extensivamente estudados, a autoeficácia ocupa um lugar central na procura de compreensão do funcionamento humano em diversos contextos de existência – familiar, académico e profissional (Caprara, Scabini, & Regalia, 2006). Ora, o foco da investigação ao longo das últimas décadas tem incidido sobretudo nas crenças de eficácia individual, não obstante, de acordo com a teoria sociocognitiva de Bandura (1977, 1998, 1999), quanto à causalidade triádica, existe interdependência entre comportamento, fatores pessoais e estruturas sociais, o que requer a integração na análise dos sistemas de eficácia individual e coletiva. De facto, as crenças de autoeficácia fundam-se não apenas nos mecanismos pessoais (cognitivos, afetivos e sociais), mas também nas dinâmicas sociais e nas ações conjuntas (Caprara, Regalia, Scabini, Barbaranelli, & Bandura, 2004), pelo que para o conjunto de ações, objetivos e motivações que cada um desenvolve e concretiza são importantes não só as crenças de eficácia individual mas também as que se referem aos grupos nos quais se inserem (Bandura, 1998, 1999).

Enquanto grupo primário, a família é um contexto privilegiado em que a interdependência entre crenças de eficácia individual e coletiva é visível, pois desenvolvem-se e operam em conjunto (Caprara et. al, 2006). Entre as várias formas de autoeficácia expressas no seio da família, neste estudo debruçamo-nos especificamente sobre a autoeficácia parental e sobre a eficácia coletiva da família, procurando explorar a evolução das crenças de eficácia de pais de adolescentes, a nível individual e coletivo, na transição da adolescência para a idade adulta.

Crenças de eficácia individual e coletiva da família

Cada etapa do ciclo de vida da família envolve movimento, transição, confronto com desafios e consequentes mudanças, que acarretam mudanças nas funções e nas tarefas de cada elemento e da família como um todo. Assim, os membros da família devem mostrar-se disponíveis para mudarem constantemente a sua forma de pensar, de sentir e de se comportar perante as transformações dos papéis que desempenham e os desafios e exigências do dia a dia e, também, para poderem concretizar expectativas pessoais e obrigações sociais (Caprara et al, 2006; Holmbeck, Paikoff, & Brooks-Gunn, 1995). Concretamente, na etapa em que a família tem

filhos adolescentes, as funções primordiais passam pela socialização e pela individualização e desenvolvimento dos seus membros (Alarcão, 2002; Relvas, 1996).

É precisamente nas dinâmicas da família que cada elemento desenvolve as suas expectativas de eficácia individual e coletiva, com impacto no seu desenvolvimento, bem-estar individual e funcionamento otimizado (Bandura, 2006; Bandura, Caprara, Barbaranelli, Regalia, & Scabini, 2011;; Caprara et. al., 2006). Os pais, em particular, assumem um conjunto de tarefas e enfrentam diversos desafios, variáveis em função da etapa do desenvolvimento e do relacionamento que estabelecem com os filhos, tendo como finalidade proporcionar as condições ótimas para o desenvolvimento bem sucedido dos seus filhos (Bandura, 2006). Deste modo, é natural que a associação entre as crenças parentais, as práticas dos pais e o ajustamento do adolescente se tenha tornado no motor de diversas investigações nas últimas décadas.

As crenças de autoeficácia parental referem-se às expectativas que os pais possuem acerca das suas capacidades para influenciarem positivamente o adolescente e os contextos em que se move e para monitorizar, apoiar, proteger, orientar e encorajar o adolescente no seu processo de independência e de autonomização (Caprara et al., 2006; Dumka, Gonzales, Wheeler, & Millsap, 2010), sendo, neste quadro, as crenças acerca do microssistema família claramente importantes. Já a eficácia coletiva da família refere-se às crenças que cada membro possui sobre as capacidades da família para trabalhar em conjunto, em prol do desenvolvimento individual de cada um e do bem-estar do sistema familiar, para providenciar apoio emocional nos momentos mais críticos e nas situações mais stressantes, e para estabelecer boas relações com a família alargada e com outros sistemas com os quais interage (Bandura et al. 2011; Caprara et. al. 2006).

Os principais resultados das investigações no domínio da autoeficácia familiar, conforme os resultados das meta-análises de Coleman e Karraker (1997) e de Jones e Prinz (2005), confirmam os efeitos que crenças de eficácia parental positivas têm sobre as competências e as práticas parentais e, também, sobre o ajustamento dos adolescentes. De facto, há um conjunto de evidências empíricas que revelam que crenças positivas de eficácia parental influenciam não só os comportamentos parentais, como a capacidade de dar resposta e de monitorizar os filhos (Bogenschneider, Small & Tsay, 1997), o envolvimento dos pais na escola (Elder, Eccles, Ardelt, & Lord, 1995; Shumow & Lomax, 2002), e, também, direta e

indiretamente, o desenvolvimento dos adolescentes (Bandura, Barbaranelli, Caprara, & Pastorelli, 1996; Caprara, Barbaranelli, Borgongni, & Petitta, 2003; Shumow & Lomax, 2002).

Caprara e colaboradores (2006), em investigações alargadas sobre a rede de interligações entre fontes de eficácia e sobre os seus efeitos no bem-estar, satisfação e funcionamento da família, bem como no ajustamento psicossocial dos adolescentes, concluíram que a eficácia individual (parental e filial) está interrelacionada com a eficácia coletiva da família, que, em conjunto, contribuem positivamente para o desenvolvimento de perceções positivas do funcionamento da família e para o ajustamento psicossocial dos adolescentes. Do mesmo modo, Bandura e colaboradores (2011) verificaram que as mães têm um sentido de eficácia parental mais positivo do que os pais, o que também se repercute noutros domínios da relação com a família e com os filhos (concretamente, na comunicação mais aberta e no maior envolvimento em tarefas familiares que ocorrem fora de casa). Num estudo que procurou analisar a relação entre crenças de eficácia parental, autoperceções das crianças e desempenho no domínio da leitura, Lynch (2011) também verificou que as crenças de autoeficácia de mães tinham um impacto mais positivo no desempenho da leitura das crianças do que as dos pais. Shumow e Lomax (2002), por sua vez, ao indagar sobre os fatores que predizem o grau de eficácia parental, concluíram que, de um modo geral, o nível socioeconómico não era um fator com impacto significativo nas crenças e comportamentos parentais; contudo, numa análise comparativa de grupos étnicos incluídos no estudo, concluíram que esta variável influenciava positivamente as crenças de autoeficácia dos pais, particularmente nas comunidades afro-americana e europeia-americana.

Uma questão que se coloca no domínio é a de saber como se processa a evolução de tais fontes de eficácia ao longo da adolescência? Apesar do crescente reconhecimento da relevância da autoeficácia de cada membro no exercício dos diferentes papéis na família, os estudos que investigam simultaneamente estas fontes de eficácia e as avaliam ao longo das diferentes etapas do ciclo da família são bastante escassos. Dumka e colaboradores (2010), num dos poucos estudos longitudinais realizados com a díade mãe-adolescente, analisando a rede de influências das crenças de eficácia parental sobre o ajustamento dos adolescentes, concluíram que as crenças de eficácia parental tendem a decrescer ao longo da adolescência, não obstante o seu efeito positivo no que se refere aos problemas de conduta dos adolescentes.

Deste modo, propomo-nos neste estudo explorar a evolução da autoeficácia parental e da eficácia coletiva da família em dois momentos de avaliação, separados por um ano de intervalo, estabelecendo, para tal, as seguintes questões de investigação:

Questão 1: Será que as crenças de autoeficácia parental e de eficácia coletiva familiar variam do momento 1 (M1) para o momento 2 (M2)?

Questão 2: Será que as crenças de autoeficácia parental e de eficácia coletiva familiar mudam do M1 para o M2 de modo diferente em função de fatores interindividuais como o género do progenitor, o nível socioprofissional (NSP) e o nível sociocultural (NSC)?

Método

Participantes

Para a realização deste estudo com dois momentos de avaliação, foram envolvidos 139 pais de adolescentes a frequentar o ensino secundário, estando as mães mais representadas (77,7%) do que os pais (22,3%). No primeiro momento de avaliação, as idades dos pais estavam compreendidas entre 33 e 57 anos (*M* = 47,1; *DP* = 4,43), enquanto que no segundo momento, as idades dos pais estavam compreendidas entre 33 e 58 anos (*M* = 48,1; *DP* = 4,35). No primeiro momento, cerca de 81,3% dos pais eram casados, 15,1% divorciados, 2,2% viúvos e 1,4% solteiros. Mais de metade da amostra tinha dois filhos (51,1%), 26,7% um filho, 20,9% três e apenas 1,4% mais de três filhos. A estrutura familiar dominante, nos dois momentos, era a nuclear pais e filho(s) – (M1 = 76,3%; M2 = 75,5%), seguindo-se a monoparental (M1 = 12,2%; M2 = 16,5%). O nível sociocultural (NSC) destes participantes, quer no primeiro quer no segundo momento, situava-se entre o médio-alto (41,0% *vs.* 43,9%) e o médio (23,0% *vs.* 20,1%). O nível médio-baixo e o baixo estavam representados de forma semelhante em ambos os momentos, variando o médio-baixo entre 14,4% e 18,0% e o baixo entre 11,5% e 9,4%, respetivamente. O nível alto era o menos representado (7,2% em ambos os momentos). O NSP assemelhou-se ao NSC em termos de distribuição em ambos os momentos: a maioria dos pais pertenciam aos níveis médio-alto (48,9% *vs.* 51,8%) e médio (18,7% *vs.* 21,6%). O nível médio-baixo, por sua vez, manteve-se praticamente inalterado nos dois momentos, com 11,5% *vs.* 10,8%, respetivamente; da mesma forma, se apresentou o nível baixo (5,8% *vs.* 5,0%). Por último, o NSP alto apresentou 1,0% *vs.* 0%.

Instrumentos

Fundados na teoria sociocognitiva de Bandura (1977, 1998, 1999), Caprara e colaboradores (2004) construíram e validaram um conjunto de instrumentos para avaliar as perceções de eficácia individual e coletiva da família. Desse conjunto de escalas, foram utilizadas nesta investigação a *Escala de Autoeficácia Parental* e a *Escala de Eficácia Coletiva da Família*

Escala de Autoeficácia Parental (EAEP). A versão original da EAEP integra 12 itens que representam uma única dimensão e que pretendem avaliar as perceções dos pais sobre as suas capacidades para: (i) manter uma comunicação aberta com os filhos; (ii) estimular o desenvolvimento de competências de autocontrolo e de gestão de desafios; (iii) estabelecer as responsabilidades individuais dos filhos; (iv) lidar firmemente com a infração de regras e de compromissos; (v) evitar que as divergências se transformem em conflitos; e (vi) criar um ambiente de qualidade, através da realização de atividades que envolvam os filhos (Caprara et al., 2006). Atendendo à especificidade do contexto e aos objetivos da presente investigação, optámos por acrescentar à escala original, sete novos itens, que procuravam avaliar as perceções dos pais acerca das tarefas parentais mais associadas ao contexto académico dos seus filhos. Os participantes tinham que expressar as suas perceções de eficácia, com itens que representavam situações da vida quotidiana, como por exemplo, "*Ajudar a gerir os problemas que tem com outras pessoas*", utilizando uma escala de tipo *Likert* com 6 pontos, variando entre *1- Incapaz* e 6 - *Completamente capaz*. Estudos recentes sobre as qualidades psicométricas da escala evidenciaram bons valores de consistência interna para a escala total (*alpha de Cronbach* 0,92) a par de uma organização adequada dos itens em torno de um único fator (variância total explicada de 43,7%).

Escala de Eficácia Coletiva da Família (EECF). A EECF avalia as perceções de eficácia coletiva familiar, apresentando uma única dimensão, e incluindo na sua composição original 20 itens. Esta escala procura avaliar as perceções dos elementos da família sobre as capacidades da família para: (i) gerir o quotidiano familiar; (ii) tomar decisões de forma unânime e planear atividades; (iii) lidar com as adversidades e enfrentá-las em conjunto; (iv) assumir deveres recíprocos e responsabilidades conjuntas; (v) dar apoio emocional em momentos difíceis; (vi) colocar de lado obrigações e interesses individuais em prol dos elementos da família; (vii) passar tempo de qualidade em conjunto; e (viii) interagir e participar ativamente na comunidade (Bandura et al., 2011; Caprara et al., 2004). As perceções de eficácia coletiva também foram avaliadas com uma escala de 6 pontos, entre *1 - Incapaz* e 6 - *Completamente capaz*, com itens

que se referiam a situações da vida familiar, como por exemplo "*Construir um sentimento de confiança conjunta e partilhada*". À semelhança do que se verificou para a EAEP, estudos recentes sobre as qualidades psicométricas evidenciaram também bons valores de consistência interna para a escala total (*alpha de Cronbach* 0,96) e uma organização adequada dos itens numa estrutura unifatorial (variância total explicada de 56,3%).

Procedimento

Colaboraram no presente estudo um total de 8 escolas do ensino secundário, 5 públicas e 3 privadas, situadas nas zonas oriental e ocidental do Grande Porto. A recolha de dados ocorreu em dois momentos, que corresponderam ao 11.º e 12.º anos de escolaridade dos respetivos filhos. O primeiro momento de recolha de dados com os pais ocorreu no início ou no fim da reunião de pais com os diretores de turma, tendo durado em média 20 minutos. Nas escolas em que as reuniões com os pais não se realizaram coletivamente, foi pedido aos diretores de turma que solicitassem a colaboração dos alunos para levarem um envelope com a apresentação do estudo, as instruções de preenchimento e os questionários, para serem preenchidos pelos respetivos pais. Depois de respondidos, os questionários foram devolvidos aos diretores de turma, que por sua vez os entregaram ao investigador responsável. Este último procedimento foi o adotado no segundo momento, por economia de tempo, bem como pelo facto das reuniões de pais no 12.º ano de escolaridade terem níveis de participação muito baixos.

Procedimentos estatísticos

Para a análise da evolução intra e interindividual das crenças parentais utilizaram-se análises de variância (ANOVA) para medidas repetidas. Os fatores de diferenciação considerados foram o tempo (fator intrasujeito), o género do progenitor, o NSP e o NSC (fatores intersujeitos). Antes da análise, foram verificados e assegurados os pressupostos da ANOVA para medidas repetidas, nomeadamente a normalidade da distribuição da amostra nas diferentes variáveis (Marôco, 2010). As crenças de eficácia parental e de eficácia coletiva da família apresentaram uma distribuição normal, de acordo com o teste Shapiro-Wilk ($p > 0,10$ para os 2 momentos). Outros pressupostos da ANOVA para medidas repetidas referiam-se à homogeneidade da matriz de covariâncias e à esfericidade, avaliadas a partir do *teste M de Box* e do teste de esfericidade de *Mauchly*, respetivamente (Marôco, 2010), que apresentaram o valor de $p > 0,05$ em todas as análises, confirmando assim tais pressupostos.

Resultados

Pela análise do Quadro 1 podemos verificar que as crenças de autoeficácia parental se mantiveram estáveis ao longo do tempo, na medida em que não se observaram diferenças significativas entre os dois momentos de avaliação. No que se refere à eficácia coletiva da família observou-se uma ligeira descida do M1 para o M2, que se apresentou significativa. O valor do eta parcial revelou-nos que o tamanho desse efeito é bastante baixo (η^2_p = 0,06).

Quadro 1: *Evolução intraindividual das crenças de autoeficácia parental (AEP) e da eficácia coletiva da família (ECF) do M1 para M2*

	M1		M2		Anova (*efeitos intrasujeitos*)			
	M	*DP*	*M*	*DP*	*F*	*gl*	*p*	η^2_p
AEP (*n* = 137)	87,7	12,29	86,2	13,26	2,270	1	0,13	0,02
ECF (*n* = 139)	95,5	12,96	92,2	14,27	8,647	1	0,00*	0,06

Legenda: M1 – Momento 1; M2 – Momento 2; η^2_p - Eta parcial ao quadrado; $p < 0,05$.

Para além da estabilidade intraindividual observada nas crenças de autoeficácia parental, do mesmo modo, o efeito dos fatores interindividuais considerados sobre a mudança intraindividual – NSP e NSC – não se apresentou significativo. A única diferença significativa observou-se entre pais e mães (género do progenitor) quanto às crenças de eficácia parental e familiar, embora com uma magnitude muito baixa (η^2_p = 0,11; η^2_p = 0,08, respetivamente), tal como se pode verificar no Quadro 2. Isto é, as mães tendem a expressar crenças de autoeficácia parental e de eficácia coletiva da família mais positivas do que os pais. No entanto, quando analisada a sua evolução do M1 para o M2, verificámos que as diferenças significativas entre mães e pais se dissiparam tanto na autoeficácia parental como na eficácia coletiva da família.

Quadro 2: *Evolução intra e interindividual das crenças de autoeficácia parental (AEP) e da eficácia coletiva da família do M1 para M2 em função do género (do progenitor).*

	M1		M2		Anova							
					Efeitos Intersujeitos				*Efeitos Intrasujeitos* tempo x fator			
	M	*DP*	*M*	*DP*	*F*	*gl*	*P*	η^2_p	*F*	*gl*	*p*	η^2_p
AEP												
Mães (*n* =107)	89,7	11,62	88,1	12,85	16,766	1	0,00	0,11	0,011	1	0,92	0,00
Pais (*n* = 30)	80,5	12,09	79,2	12,51								
ECF												
Mães (*n* = 108)	96,8	13,43	94,5	13,73	11,959	1	0,00	0,08	2,965	1	0,09	0,02
Pais (*n* =31)	91,0	10,10	84,2	13,32								

Legenda: η^2_p - Eta parcial ao quadrado.

Discussão

Este estudo teve como principal objetivo analisa a evolução intra e interindividual de crenças de eficácia individual e coletiva de pais de adolescentes a frequentar o ensino secundário. Os resultados encontrados apontaram para a estabilidade das crenças de eficácia parental ao longo de dois momentos separados por um ano de intervalo. A exceção ocorreu na eficácia coletiva da família, em que se observou uma ligeira descida do M1 para o M2. Deste modo, perante a questão de investigação formulada acerca da evolução das crenças de eficácia (Questão 1), confirmámos que a eficácia parental tendeu a manter-se estável ao longo dos dois momentos de avaliação, com um ano de intervalo, enquanto a eficácia coletiva familiar sofreu um ligeiro decréscimo. Para justificar tais resultados não encontrámos evidências empíricas que, de forma consistente, nos indicassem o sentido da evolução das crenças de eficácia parental e da eficácia coletiva da família. De facto, ao nível das crenças de eficácia parental não corroborámos os resultados do estudo longitudinal de Dumka e colaboradores (2010) que, tal como referimos, demonstrou a tendência para o decréscimo das crenças de eficácia parental ao longo do tempo. O facto de neste estudo as perceções parentais terem sido recolhidas na fase final da adolescência, durante o ensino secundário, fase em que os pais já desenvolveram expectativas consistentes e estáveis acerca do seu papel, pode justificar os resultados obtidos. A família, enquanto sistema, sofre mudanças e adaptações, enfrentando alguns desafios durante a adolescência, uma vez que os pares, em vez dos pais, começam a assumir um papel progressivamente mais relevante na vida dos adolescentes (Alarcão, 2002; Holmbeck et al.,

1995; Relvas, 1996), podendo justificar o ligeiro decréscimo observado nas crenças de eficácia coletiva da família.

Para além de estáveis ao longo do tempo, as crenças de eficácia parental também tenderam, na globalidade, a revelar-se homogéneas na sua evolução, quando considerada a influência de fatores interindividuais (género do progenitor, NSP e NSC). Esta homogeneidade estendeu-se igualmente às análises da eficácia coletiva da família. Assim, para os fatores testados não foram encontradas diferenças significativas, isto é, não se encontrou variabilidade intersujeitos na mudança intraindividual. Tal poderá estar associado quer à ausência de mudanças no sistema de crenças entre os dois momentos de avaliação, quer à reduzida dimensão da amostra em função das categorias dos fatores de diferenciação. Outro aspeto que poderá ter contribuído para a ausência de diferenças, foi o número de momentos de avaliação das crenças de autoeficácia, que ao serem apenas dois, limitaram a análise das trajetórias de evolução das crenças.

Verificámos, contudo, que as crenças de eficácia parental e familiar das mães são, na globalidade, mais elevadas do que as crenças dos pais, no M1 e M2, corroborando assim os resultados encontrados por Bandura e colaboradores (2011). Como já referimos, as crenças tenderam a manter-se estáveis do M1 para o M2, o que pode justificar o facto de não se terem evidenciado variações significativas nas trajetórias de evolução de crenças de mães e pais. Assim, para a segunda questão de investigação (Questão 2) que contemplava a análise da influência dos fatores interindividuais na mudança das crenças e perceções ao longo do tempo, podemos afirmar que, de um modo geral, estas se mantiveram estáveis ao longo dos dois momentos e tenderam a manter-se homogéneas no modo de mudar relativamente aos fatores interindividuais considerados para análise.

Limitações do estudo e pistas para o futuro

Inerente a qualquer investigação estão as limitações, algumas das quais podem constituir pistas relevantes para futuras investigações. Uma das principais limitações dos estudos longitudinais prende-se com a mortalidade seletiva da amostra ao longo da investigação. Por esta razão, e pelo facto do acesso aos participantes ter sido difícil, a amostra deste estudo foi reduzida e apresentou alguns desequilíbrios na distribuição em função das suas características sociodemográficas (por exemplo, maior representatividade das mães), o que limitou as subsequentes análises estatísticas e gerou baixo poder de generalização dos

resultados. Do mesmo modo, o facto de a recolha de dados ter compreendido apenas dois momentos, constituiu também uma limitação, na medida em que pode ter influenciado os resultados e condicionado a análise e a interpretação dos mesmos. Para melhor se compreender a evolução das perceções parentais de eficácia, individual e coletiva, estudos subsequentes deverão considerar pelo menos três momentos de recolha de dados.

Apesar das limitações apresentadas, este estudo explorou, em dois momentos de avaliação, duas fontes de eficácia do microssistema familiar em simultâneo – individual e coletiva –, o que pode constituir uma vantagem no domínio do estudo da autoeficácia, abrindo perspetivas de investigação no futuro.

Referências Bibliográficas

Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica* (3ª Edição). Coimbra: Quarteto Editora.

Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review, 84*(2), 191-215.

Bandura, A. (1998). Personal and collective efficacy in human adaptation and change. In J. G. Adair, D. Belanger, & K. L. Dion (Eds.), *Advances in psychological science: Vol. 1 Personal, social and cultural aspects* (pp. 51-71). Hove, UK: Psychology Press.

Bandura, A. (1999). Exercise of personal and collective efficacy in changing societies. In Bandura (Ed.), *Self-efficacy in changing societies* (pp. 1-45). Cambridge: Cambridge University Press.

Bandura, A. (2006). Adolescent development from an agentic perspective. In F. Pajares & T. Urdan (Eds.), *Self-efficacy beliefs of adolescents* (pp. 1-44). Greenwich, CT: Information Age Publishing.

Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, G. V., & Pastorelli, C. (1996). Multifaceted impact of self-efficacy beliefs on academic functioning. *Child Development, 67*, 1206-1222.

Bandura, A., Caprara, G. V., Barbaranelli, C., Regalia, C., & Scabini, E. (2011). Impact of family efficacy beliefs on quality of family functioning and satisfaction with family life. *Applied Psychology: An International Review, Family Efficacy Beliefs, 60*(3), 421-448. doi:10.1111/j.1464-0597.2010.00442.x

Bogenschneider, K., Small, S., & Tsay, J. (1997). Child, parent, and contextual influences on perceived parenting competence among parents of adolescents. *Journal of Marriage and the Family, 59*, 345-362.

Caprara, G. V., Barbaranelli, C., Borgongni, L., & Petitta, L. (2003). Teachers', school staff's and parents' efficacy beliefs as determinants of attitudes toward school. *European Journal of Psychology of Education, 18*(1), 15-31.

Caprara, G. V., Regalia, C., Scabini, E., Barbaranelli, C., & Bandura, A. (2004). Assessment of filial, parental, marital, and collective family efficacy beliefs. *European Journal of Psychology of Education, 20*(4), 247-261. doi:10.1027/1015-5759.20.4.247

Caprara, G. V., Scabini, E., & Regalia, C. (2006). The impact of perceived family efficacy beliefs on adolescent development. In F. Pajares & T. Urdan (Eds.), *Self-efficacy beliefs of adolescents* (pp. 97-114). Greenwich, CT: Information Age Publishing.

Coleman, P., & Karraker, K. (1997). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review, 18*, 47-85.

Dumka, L. E., Gonzales, N. A., Wheeler, L. A., Millsap, R. E. (2010). Parenting self-efficacy and parenting practices over time in Mexican American families. *Journal of Family Psychology, 24*(5), 522-531. doi: 10.1037/a0020833

Elder, G., Eccles, J., Ardelt, M., & Lord, S. (1995). Inner-city parents under economic pressure: Perspectives on the strategies of parenting. *Journal of Marriage and the Family, 57*, 771-784.

Holmbeck, G. N., Paikoff, R. L., Brooks-Gunn, J. (1995). Parenting adolescents. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting.* (pp. 91-118). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Jones, T., & Prinz, R. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical Psychology Review, 25*(3), 341-363. doi:10.1016/j.cpr.2004.12.004

Lynch, J. (2011). Parents' self-efficacy beliefs, parents' gender, children's reader self-perceptions, reading achievement and gender. *Journal of Research in Reading, 25*(1), 54-67.

Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-Spss).* Lisboa: Report Number.

Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica.* Porto: Edições Afrontamento.

Shumow, L., & Lomax, R. (2002). Parental efficacy: Predictor of parenting behavior and adolescent outcomes. *Parenting: Science and Practice, 2*(2), 127-150.

PARENTAL SELF-EFFICACY AND FAMILY COLLECTIVE EFFICACY BELIEFS OF ADOLESCENTS' PARENTS: CHANGE OR STABILITY?

Abstract: This study aimed to explore the intra and interindividual development of parental self-efficacy and family collective efficacy of parents of adolescents, who are attending secondary school. A sample of 139 parents expressed their beliefs by filling up the *Perceived Parental Self-Efficacy* and the *Perceived Family Collective Efficacy* scales, in a two-waves study. The results revealed that at the intraindividual level, the parents' beliefs of parental self-efficacy remained stable, while the family collective efficacy presented a slightly decrease. At the interindividual level, there was only a slight difference between mothers and fathers, i.e., mothers expressed a greater sense of parental self-efficacy and collective family efficacy than fathers, in both moments.

Keywords: parental self-efficacy, family collective efficacy, intraindividual development, interindividual development.